A METAFÍSICA DA SEPARAÇÃO E O PERDÃO

Trechos do Workshop efetuado no Institute & Retreat Center of the Foundation for A Course in Miracles®

Kenneth Wapnick, Ph.D.

Tradução: Eliane Ferreira de Oliveira

Parte I

Um Curso em Milagres compartilha muitos dos ensinamentos encontrados nos caminhos espirituais e religiões do mundo, tanto os tradicionais quanto alguns da Nova Era. Por exemplo, o Curso ensina que Deus é um Criador amoroso, um Pai amoroso, não um pai odioso e vingativo. O Curso nos ensina que deveríamos ser pacíficos e amorosos, ao invés de cheios de raiva e julgamento. O Curso ensina que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus são expressões de amor ao invés de expressões de julgamento, punição e sacrifício. E o Curso ensina, como sabemos, que o perdão deveria ser nosso foco central.

Esses ensinamentos não tornam o Curso único. O que torna o Curso único entre todas as religiões e caminhos espirituais do mundo, tanto ocidentais quanto orientais, é a forma com que ele integra sua metafísica não-dualista com uma psicologia muito prática e sofisticada. O perdão é o conceito que unifica e integra o ensinamento metafísico de que o mundo é uma ilusão não criada por Deus – e, portanto, não há nada a perdoar – com um guia muito sonoro e prático para como deveríamos demonstrar e praticar o perdão em nossas vidas diárias.

Um dos principais propósitos desse workshop é apresentar um resumo geral dos ensinamentos do Curso, dirigindo-se especificamente a como a metafísica do Curso em Milagres se torna a fundação para tudo o que ele ensina sobre o perdão. A idéia chave na metafísica é que o mundo é uma ilusão e foi feito como um esconderijo para que Deus nunca nos encontrasse, uma idéia que pode parecer bem abstrata e afastada da nossa experiência, mas, apesar disso, novamente, é a fundação para tudo o que o Curso ensina sobre o perdão. Nos focalizarmos na metafísica também vai nos permitir compreender mais profundamente porque é tão extremamente importante, ao trabalharmos com o material, não cairmos na armadilha de pensar que o Espírito Santo é nosso ajudante mágico Que vai cuidar de todos os nossos problemas e necessidades, desde os “menores”, como arrumar vagas para estacionar, aos “maiores”, como nos curar de câncer ou de AIDS, ou trazer a paz mundial, ou seja o que for. Um dos ensinamentos essenciais do Curso é que o propósito do Espírito Santo ou de Jesus é nos lembrar da escolha que temos que fazer. E essa compreensão não é possível sem primeiro entendermos a moldura metafísica do Curso.

Vamos revisar e resumir os ensinamentos básicos do Curso para vermos como essa linha importante atravessa tudo o que o Curso ensina. Vou apresentar uma moldura visual básica para os ensinamentos (vejam gráfico). Então, vamos começar direto do início – e, é claro, a palavra Início aqui será soletrada com a letra I maiúscula porque estamos falando sobre o Céu, onde não existe tempo – não existe início, nem fim, e nem intervalos de tempo.

No Início, existe Deus e Seu Filho, ao qual o Curso se refere como Cristo. Talvez, a característica mais importante do Céu seja a idéia de que Deus e Cristo são perfeitamente unos. É Sua unicidade que caracteriza o estado do Céu. Existe uma definição no texto onde Jesus diz que o Céu é a "consciência da perfeita unicidade" (T-18.VI.1:6). Quando o Curso fala que Deus e Cristo são um, e que o estado do Céu é perfeita unicidade ou perfeita unidade, Jesus quer dizer isso muito literalmente. Deixem-me falar um pouco mais sobre isso, porque será importante mais tarde, ao vermos o que o perdão realmente significa. Dizer que Deus e Cristo são perfeitamente unos é dizer que não existe consciência separada em Deus que possa observar a Si mesma em relacionamento com Sua criação, assim como não existe consciência separada em Cristo que possa observar a Si mesma ou experienciar a Si mesma em relacionamento com Seu Criador. Falar de dois seres, Deus e Cristo, é uma formulação com a qual estamos confortáveis em um mundo de dualidade, ou um mundo de separação. Esses não são termos, entretanto, que seriam jamais usados no Céu. Novamente, Deus não iria identificar a Si mesmo como Deus, o Criador e a Fonte, e Cristo não iria identificar a Si mesmo como o Efeito de Deus ou Sua criação.

Outro termo que poderia ser usado para caracterizar o Céu é que ele é um estado de perfeita não-dualidade. Não existem dois Seres Que interagem um com o outro. Uma linha importante no livro de exercícios diz, *"... em lugar algum o Pai chega ao fim para dar início ao Filho como algo separado de Si Mesmo" (LE*-pl.132.12:5-7). E existe outra passagem na Lição 169 que fala sobre esse estado de unicidade:

A Unicidade é simplesmente a idéia de que Deus é. E no Que Ele É, Ele abrange todas as coisas. Não há mente que contenha algo que não seja Ele. Dizemos: "Deus é" e então deixamos de falar, pois nesse conhecimento as palavras são sem significado. Não há lábios para pronunciá-las e nenhuma parte da mente é distinta o suficiente para sentir que agora está ciente de algo que não seja ela mesma. (LE-pl.169.5:1-7).

Essa é a mesma idéia – não existe lugar onde o Pai termina e o Filho começa. Não existe consciência separada no Filho que poderia observar a Si mesma em relação a Seu Criador.

A passagem continua:

Ela se uniu à sua Fonte. E, como a própria Fonte, meramente é. Não podemos falar, escrever ou mesmo pensar sobre isso de modo algum. (LE-pl.169.5:7-8,6:1-2).

É por isso que não vamos passar muito tempo nisso, e porque no Curso Jesus não passa muito tempo nisso. Obviamente, é impossível para nossas mentes e cérebros separados conceber uma realidade na qual não existe absolutamente separação alguma. Novamente, não existe lugar onde Deus termina e o Filho começa. Então, o estado do Céu é o de perfeita unidade. Outra forma de caracterizar isso é dizer que a Mente de Deus e a Mente de Cristo são totalmente uma. Depois, vai ficar mais claro porque é tão importante entender que o estado do Céu é absoluta unicidade e perfeita unidade.

O Curso então explica que o impossível pareceu acontecer. Na realidade, isso nunca aconteceu de forma alguma, mas pareceu acontecer. Foi quando a *"diminuta e louca idéia"*)T-27.VIII.6:2) de ser separado de Deus pareceu entrar na mente do Filho de Deus. Nós vamos caracterizar isso com uma pequena linha preta descendente (vejam o gráfico) – essa é a "diminuta e louca idéia". É a idéia de que

o Filho, de alguma forma, agora é separado do Seu Pai – ele tem uma mente, uma vontade, um ser que é separado e independente do seu Criador. Então, ele agora pode observar a si mesmo e experienciar a si mesmo em relação a Deus.

Antes dessa diminuta e louca idéia (sobre a qual o Curso também fala como o início do sonho) pareceu surgir, um fenômeno desses era impossível, porque o Filho não tinha uma mente ou um ser distinto ou separado do Seu Criador. Mas, uma vez que o sonho começou – o sonho da separação – o Filho, de repente, começou a observar a si mesmo como alguém separado do seu Pai. E isso fez surgir o que podemos chamar de mente separada (com m minúsculo, para distingui-la da Mente de Deus e de Cristo).

Quando o Filho adormeceu e começou a experienciar a si mesmo como um ser separado, ele tinha uma mente que agora parecia coexistir com a Mente de Deus ou a Mente de Cristo. Essa mente tinha duas partes, ou o que o Curso freqüentemente chama de duas vozes que falavam por ela. Uma é o que o Curso chama de ego, e a outra é o Espírito Santo. Essas duas vozes podem ser basicamente entendidas como reações à diminuta e louca idéia. Na realidade, não existem duas pessoas habitando na mente do Filho. Estamos falando sobre o reino da metáfora ou do mito. Então, falamos sobre a mente do Filho tendo duas partes – e logo vamos acrescentar uma terceira -, e falamos sobre essas duas partes como se elas fossem dois seres aparentemente separados – o ego e o Espírito Santo. No Curso, o ego é sempre chamado de um "ele" (it), enquanto o Espírito Santo é citado como uma pessoa, ou como "Ele". Mas o ego é, apesar de tudo, descrito em termos antropomórficos – ele conspira, ele busca vingança, ele parece amar, ele odeia, ele ilude, etc.

Então, na mente do Filho existem dois pensamentos ou duas reações à diminuta e louca idéia. O pensamento do ego é que a diminuta e louca idéia realmente aconteceu. De fato, uma forma de definir o ego é dizer que ele é a crença de que o Filho realmente se separou do seu Criador. Portanto, o ego não é nada mais do que um pensamento ou uma crença que existe na mente separada do Filho – o pensamento de que a separação realmente aconteceu. O Espírito Santo, por outro lado, é o pensamento de que a separação nunca aconteceu – de que a *"diminuta e louca idéia"* está destinada a ser compreendida literalmente: a idéia é "diminuta" porque foi sem conseqüências e não teve absolutamente qualquer efeito, e é "louca" porque é insana. É insano pensar que uma parte de Deus, uma parte do Todo, uma parte da unidade total poderia, de alguma forma, se separar e, de repente, estar fora de tudo – que poderia haver uma realidade além da totalidade, algo além da infinidade um poder além da onipotência. Perto do final do texto, uma seção chamada "O Anti-Cristo" (T-29.VIII) discute isso especificamente. O Anti-Cristo é outro termo para o ego. O anti-Cristo é o pensamento de que existe um poder além da onipotência, um lugar além da infinidade, etc. E, então, o Espírito Santo é o pensamento que diz, "Isso nunca poderia ter acontecido".

Existe também outra forma de entender Quem ou o Que o Espírito Santo é. Quando o Filho adormeceu e começou seu sonho, ele carregou para o sonho a memória de quem ele realmente é como o Filho de Deus, a memória do Amor de Deus. Essa memória, que agora repousa em sua mente separada dentro do sonho, é o que chamamos de Espírito Santo. E essa memória é o que liga o sonho à realidade. Isso é similar às memórias em nossa experiência diária – quando temos uma memória no presente, ela é um elo a algo que aconteceu no passado. É isso o que significa a palavra memória.

Qualquer coisa que aconteça no passado – quer tenha acontecido há cinco minutos, ontem, ou há trinta anos – subitamente se torna muito real e presente para mim. Se for uma memória desagradável, vou experienciar raiva, ansiedade, medo ou depressão. Se for uma memória agradável, vou experienciar felicidade e alegria nesse exato momento, como se o passado estivesse presente. Essa memória é o que une o passado e o presente. O Espírito Santo trabalha da mesma forma. Ele une a experiência presente do Filho de acreditar que está em um sonho, com sua realidade, que não está realmente no passado, em um sentido temporal. Esse elo então o conecta ao Deus a Quem ele nunca realmente deixou. É por isso que o Curso ensina que o Espírito Santo desfez o erro original no instante em que pareceu ocorrer, porque, quando o Filho adormeceu, ele tinha essa memória com ele. E essa memória é o que prova a ele que ele nunca se separou de Deus, que isso foi simplesmente um sonho.

Em acréscimo a esses dois pensamentos na mente do Filho, existe uma terceira parte da mente dividida – que vamos caracterizar por esse pequeno ponto azul (vejam gráfico). Essa é a parte da que precisa escolher entre esses dois pensamentos ou vozes. Vou chamar o ponto azul de tomador de decisões. Embora o Curso nunca use o termo nesse contexto, isso é realmente o que ele quer dizer com o Filho de Deus, o Filho de Deus em seu estado separado. No Curso, Jesus usa o termo Filho de Deus de duas formas: ou ele se refere a Cristo ou a nossa identidade como Cristo como espírito, ou para denotar o Filho dentro do sonho.

Enquanto, novamente, Jesus nunca usa o termo tomador de decisões, muitas e muitas vezes no Curso, ele está nos pedindo para escolher outra vez – escolher entre o sistema de pensamento do ego e o sistema de pensamento do Espírito Santo, entre a crucificação e a ressurreição, entre a mágoa e o milagre. A parte das nossas mentes à qual ele está continuamente apelando no Curso, quando fala conosco como “tu”, é a parte que escolhe. E, então, eu só dei um nome a ela por conveniência.

Portanto, basicamente, estamos falando sobre três partes essenciais da mente dividida: (1) a parte da mente que contém o pensamento de que a separação é real; (2) a parte da mente que contém o pensamento de que separação nunca aconteceu (o que o Curso chama de princípio da Expiação); e (3) a parte da mente que precisa decidir qual sistema de pensamento é verdadeiro. Como o Curso explica repetidamente, o Filho não tem outra escolha – ele precisa escolher entre o ego e o Espírito Santo. Não existem outras alternativas. E ele precisa escolher uma delas. Ele precisa escolher ou o ego ou o Espírito Santo. O tomador de decisões nunca é neutro.

É aqui que a história se torna interessante, porque o ego agora é confrontado por uma ameaça real. E se o Filho de Deus ouvir a Voz do Espírito Santo e reconhecer que tudo isso é um sonho, que nunca aconteceu realmente, que não existe separação? O que acontece então? O Filho desperta do seu sonho, e o ego acaba, o sonho acaba. Então, para sustentar a si mesmo a manter sua existência, o ego precisa, de alguma forma, convencer o Filho de Deus – o tomador de decisões – de que ele precisa escolher o ego ao invés do Espírito Santo. Se nós pudermos entender esse ponto e sempre mantê-lo em mente, isso vai tornar tudo o mais sobre o que falarmos nesse workshop – e certamente tudo o mais no Curso – muito, muito claro. Isso vai nos ajudar a entender porque sempre fazemos as coisas insanas que fazemos. Por exemplo, podemos ter sido estudantes do Curso durante dez ou quinze anos e ainda nos agarrarmos a mágoas. Nós ainda escolhemos

esquecer sobre Jesus e nos identificarmos com o ego quando as coisas ficam difíceis, e podemos continuar a fazer todas as coisas mal adaptadas que fazemos.

Então, o ego cria um plano – uma conspiração na qual ele espera seduzir o Filho e convencê-lo de que o Espírito Santo não é confiável, que não devemos acreditar nele, e certamente não devemos nos identificar com ele. Para fazer isso, o ego inventa uma história. É uma história totalmente inventada, sem nenhuma semelhança com a realidade, nenhuma base na realidade de forma alguma. A história do ego repousa sobre três pensamentos básicos: pecado, culpa e medo. Agora, mantenham em mente novamente que o propósito dessa história é convencer o Filho a dar as costas ao Espírito Santo e a se identificar com o ego. Enquanto o Filho fizer isso, o ego permanece intacto. E, lembrem-se, o ego é simplesmente um pensamento ou uma crença em um ser que afirma que a separação de Deus é real – que a realidade é o Filho separado de Deus. Isso, é claro, está em contraste com a "história" do Espírito Santo que diz que o Ser do Filho é o Ser do Cristo, Que nunca deixou Seu Pai.

Então, o propósito da história do ego é fazer o Filho acabar não confiando no Espírito Santo, e voltar as costas para Ele. Então, o ego conta ao Filho essa história:

Você fez uma coisa muito má ao se separar do seu Criador e da sua Fonte. Aqui estava esse Pai perfeitamente amoroso Que era apenas amor, e Ele compartilhou esse amor com você totalmente. Ele não negou nada a você – o que era do Pai era do Filho. O Pai era perfeito Amor, então, o Filho era perfeito Amor. Mas você virou as costas para esse Amor, e disse a Deus, em termos bem claros, que queria algo mais do que tudo o que Ele lhe deu. Você disse a Deus que Seu Amor não era suficiente, que Seu Céu não era suficiente.

Nós poderíamos enfeitar essa história de muitas formas: o Filho poderia dizer ao Pai que o Céu era chato, que ele queria um pouco de excitação. Ou o Filho poderia estar com ciúmes e queria algo que Deus tinha. Esses são só símbolos ou metáforas diferentes para tentar explicar em termos que podemos entender, o que pareceu acontecer nesse momento da separação, e o que pareceu evoluir para todo o sonho desse mundo. Mas o ponto de partida é que o ego deu a esse ato um nome, e é um nome sujo, uma palavra suja: pecado. O ego diz ao Filho:

Você fez uma coisa pecaminosa ao seu Pai. Ele era todo-amoroso, e Ele lhe deu tudo. Você tinha tudo – tudo o que Ele tinha, você tinha. Você era totalmente um com Ele. Mas você virou as costas para Ele e disse, "Isso não é suficiente. Eu quero algo mais". Isso não foi muito gentil da sua parte. De fato, foi pecaminoso. E, por causa do seu pecado, você deveria se sentir culpado.

Esse foi o início de toda a culpa, que vamos traduzir livremente como auto-ódio. Nós terminamos odiando a nós mesmos por causa do pecado terrível que acreditamos ter cometido. Então, a culpa automaticamente se segue ao pecado e é, basicamente, o equivalente psicológico do pensamento do pecado. O ego diz ao Filho de Deus, "Você pecou contra seu Pai, e merece se sentir culpado pelo que fez". Isso inevitavelmente leva ao terceiro membro dessa trilogia profana. Agora é dito ao Filho:

Por causa do que você fez, pelo fato de ter roubado o Céu, e porque você, na verdade, destruiu Deus ao proclamar a si mesmo Deus, dizendo "Eu fui auto-criado ao invés de criado. Estou por conta própria, e sou independente e separado do meu Criador", Deus está muito zangado. Quando Ele se recuperou do choque do que

você fez – de você tê-Lo roubado – Ele percebeu o que aconteceu. E agora, tudo o que Ele quer é vingança.

O ego então diz ao Filho de Deus:

Você sabe aquele Espírito Santo Que está dentro da sua mente, Que parece falar apenas do Amor de Deus, e lhe diz que nada aconteceu e que Deus nem mesmo sabe que você partiu? Não acredite em uma palavra que Ele diz. Ele não é confiável, porque Deus O enviou. Ele é o general de Deus, a Quem Deus despachou para sua mente para capturá-lo e levá-lo de volta ao Céu para que você possa ser punido como merece – o que, é claro, significa sua aniquilação.

Esse é o início do medo – de onde vem o "medo de Deus". Aqueles que já trabalharam um pouco com o Curso sabem que o quarto e último obstáculo à paz é o medo de Deus (T-19.Iv.D). Essa é a origem. Ela começa com a idéia de que nós pecamos contra Deus, que nossa culpa é monstruosa por causa do que fizemos, e que nossa culpa exige que sejamos punidos. O ego avisa: essa Presença do Amor de Deus em sua mente é o agente punitivo de Deus. De fato, é por isso que Deus O despachou para o seu sonho – para que Ele pudesse capturá-lo e levá-lo de volta. Se você acreditar na Sua mentira, será seduzido por Ele, e vai se arrepender para sempre!

Essa é a história do ego. Ela significa que o Amor de Deus, que o Espírito Santo representa como a memória do Amor de Deus em nosso sonho, se transformou em outra coisa – ele se transformou na ira de Deus. A história do ego tornou o Deus real totalmente não-existente, porque o Amor de Deus agora foi transformado em seu oposto – o Amor de Deus agora é visto como repleto de ira e vingança. E o Filho agora é o objeto dessa ira. É daí, é claro, que todas as passagens amedrontadoras sobre a "ira de Deus" tanto no Velho quanto no Novo Testamento vieram. Elas não têm nada a ver com o Deus amoroso Que nos criou, a Quem nunca deixamos. Mas elas têm tudo a ver com a história do ego.

Basicamente, com algumas exceções, é claro, a história e a visão de Deus que conseguimos na Bíblia é esse deus do ego. Ele realmente é um deus de especialismo – Deus é muito legal quando você dá a Ele o que Ele quer, mas, quando não dá, Ele se torna insano e mata. Esse é o deus do ego, que é o que a ira de Deus representa. E foi isso o que o ego fez do Espírito Santo também. Então, essa é a decisão com a qual o tomador de decisões – o Filho de Deus – é confrontado. Ou ele acredita no Espírito Santo, que representa o princípio da Expiação, Que diz a ele que nada aconteceu, que o Filho nunca deixou seu Pai, e que esse é só um pesadelo; ou ele acredita na história do ego de que a separação realmente aconteceu – o Filho realmente roubou as "jóias da família", ele realmente roubou o poder de Deus, e Deus está desvairado e enviou seu companheiro de crimes, o Espírito Santo, para encontrar o Filho e trazê-lo de volta. Essa é a história do ego.

Agora, por razões que nunca podem ser explicadas, o Filho de Deus fez a escolha errada. Ele se voltou para o ego e, com efeito, deu as costas ao Espírito Santo.

Parte II

Onde nós estamos na história é que o ego inventou seu conto de pecado, culpa e medo, com o propósito específico de manter o Filho de Deus distante do Espírito Santo. Isso é algo central para se entender, porque essa motivação vai ajudar a

considerar tudo o que aconteceu desse ponto em diante. Outro ponto a reforçarmos aqui – ao qual vamos voltar mais tarde – é que o medo do ego não é realmente do Espírito Santo. O ego não sabe nada sobre Ele. Não existe forma de um pensamento de separação poder entender um pensamento de unidade. Não existe forma de um pensamento de ciúmes, competição, julgamento e ódio – tudo do ego – poder jamais entender um pensamento de amor. O ego está com medo e ele realmente entende que existe um poder maior do que ele mesmo. Esse poder é o poder de escolha da mente do Filho. O medo real do ego não é do Amor de Deus, porque ele não sabe nada sobre o Amor de Deus. Seu medo real é do tomador de decisões. Seu medo real é que o Filho mude sua mente, afastando-se do ego e voltando-se para o Espírito Santo, ponto no qual ele desaparece.

É extremamente importante entender que o objetivo do ego não é realmente enterrar o Espírito Santo, mas enterrar a mente do Filho, porque a mente realmente é a grande ameaça. A mente do Filho pode escolher contra o ego e escolher o Amor de Deus, o que significa o fim do ego. Se o ego puder, de alguma forma, tornar o Filho sem mente, então estará livre. E ele nunca terá que se preocupar com Deus ou com o Espírito Santo, embora ele pense neles. O medo real do ego, novamente, é o poder de escolha da mente do Filho. Vamos ver agora como o ego leva seu plano mais alguns passos adiante para alcançar o objetivo último – tornar o Filho sem mente para que ele nunca mude sua mente e sempre permaneça totalmente identificado com o ego. Quando o Filho de Deus escolhe o ego e dá as costas para o Espírito Santo, ele não apenas escolhe o sistema de pensamento do ego, mas se torna esse sistema de pensamento. Isso é extremamente importante.

Quando o Filho de Deus se torna identificado com o sistema de pensamento de pecado, culpa e medo do ego, ele identifica a si mesmo como pecador, culpado e amedrontado. O livro de exercícios diz em um ponto, *“Tu pensas que és o lar do mal, da escuridão e do pecado”.* (LE-pI.93.1:1). Nós todos acreditamos nisso, porque ouvimos a voz do ego. Novamente, não é apenas que acreditamos em um sistema de pensamento de pecado, culpa e medo, mas nós nos tornamos esse sistema de pensamento – ele se tornou nosso ser. E o ego quer que nunca rompamos essa associação e identificação. O Filho poderia rompê-la se dissesse, “Sabe, existe algo errado com essa escolha. Quero fazer outra”. Esse é o medo do ego.

Então, o ego leva seu plano um passo adiante. Ele já fez o Filho ficar com medo do Espírito Santo, acreditando que existe um lugar em sua mente que representa aniquilação, e lança terror em seu coração. Esse lugar é onde o Espírito Santo habita. Então, por causa da sua história de pecado, culpa e medo – a qual o Filho engoliu com isca, anzol e tudo -, o ego convenceu o Filho que sua mente agora é um campo de batalha onde ele está em guerra com seu Pai e com o Espírito Santo. Com a incitação do ego, portanto, o Filho virou as costas ao Espírito Santo e se identificou com o ego (representado pela linha contínua no gráfico, separando o ego do Espírito Santo). Então, o Filho agora nem mesmo sabe sobre o Espírito Santo. O Amor de Deus foi transformado no seu oposto, com o Filho acreditando que está em guerra com Deus e em perigo mortal.

Existe uma passagem muito importante no manual que fala sobre essa insanidade e a descreve com as palavras, “Matar ou ser morto” (MP-17.7:11). Esse se tornou o princípio governante da mente do Filho de Deus. Se ele permanecer dentro desse campo de batalha, será ele ou Deus. E, obviamente, ele não tem muita chance, porque é de Deus Que estamos falando aqui, essa “besta” feroz, insana, Que foi ferida por esse pequeno insignificante nada que roubou Seu tesouro de poder. Nós

podemos ver a arrogância do sistema de pensamento do ego em acreditar em tudo isso. Mas é isso o que o pecado, a culpa e o medo estão nos dizendo – Deus está em estado de embriaguês, e se Ele um dia pegar o Filho, o que é inevitável, o Filho estará acabado. Essa é a insanidade do sistema do ego. Tudo isso está descrito em termos mais sofisticados na seção, “As Leis do Caos”, no Capítulo 23, no texto.

O Filho de Deus agora diz ao ego – e basicamente, ele não é mais separado do ego -, com um terror tremendo em seu coração:

Ajude-me! Eu preciso de defesa. Eu preciso de algo que vá me proteger da ira e da vingança de Deus, o que será minha morte certa. Eu preciso de uma defesa contra esse Deus insano Que eu sei que está na minha mente, porque minha culpa me diz que preciso ser punido por ter pecado contra Ele. Eu pequei contra Ele porque acredito que a separação Dele é real – ela realmente aconteceu e terá conseqüências terríveis.

Enterrado na mente do Filho está o simples princípio da Expiação do Espírito Santo que diz que nada aconteceu. Outra forma de dizer isso é que a separação é apenas um sonho tolo, sem conseqüências, sem efeitos – nada aconteceu. Em uma frase amorosa no texto, Jesus diz que *“nenhuma nota na canção do Céu foi perdida”* (T026.V.5:4). É por isso que essa é uma *“diminuta e louca idéia”*. Deus nem mesmo sabe nada sobre isso. Nada aconteceu. Mas o pensamento de correção do Espírito Santo permaneceu enterrado em nossas mentes, e, ao invés dele, temos o sistema de pensamento de pecado, culpa e medo do ego, que inevitavelmente leva à necessidade de defesa. O Filho de Deus precisa de algo com o que se proteger contra a ira de Deus. E nenhuma defesa vai funcionar enquanto ele permanecer no campo de batalha. Ele está totalmente desarmado e desgovernado. Ele não tem uma chance.

Portanto, o ego diz a ele, “Eu tenho outro plano, que é totalmente maravilhoso. Ele é à prova de Deus, e não existe maneira de falhar: vamos deixar o campo de batalha e fazer um esconderijo. Eu garanto que Deus nunca vai nos encontrar”. E então o Filho de Deus, é claro, fica enlevado e diz, “Quando partimos? Minhas malas estão prontas. Vamos”. O ego e o Filho se unem novamente, fundindo-se em um. Eles deixam o campo de batalha por um esconderijo onde Deus nunca vai encontrá-los. O ego diz ao Filho, “O Espírito Santo existe só na sua mente, e, se nós deixarmos a mente, estaremos totalmente livres”. Psicologicamente, o termo que usamos para denotar o processo de pegar algo de dentro da mente e colocá-lo do lado de fora é projeção. Esse algo é o ego, que não é nada mais do que o pensamento de separação fundido com o Filho de Deus. Esse pensamento, esse ser, é colocado fora da mente, invariavelmente dando origem a um mundo de separação. E essa é a explicação do Curso para como todo o mundo físico veio à existência. Quando Jesus, no Curso, fala sobre o mundo – o mundo da percepção, o mundo da forma, o mundo da separação – ele está falando sobre todo o universo físico, e não apenas o planeta Terra, ou nossas próprias cidades, ou nossos corpos. Ele está falando sobre todo o universo – o cosmos e todas as galáxias das quais nem mesmo estamos cientes. Tudo isso é o mundo da separação.

Então, o mundo é um esconderijo para o qual o ego, junto com o Filho de Deus, se colocou ou se transportou. Como o Curso diz, perto do final do livro de exercícios, *“Esse mundo foi feito como um ataque a Deus...* [ele] *estava destinado a ser um lugar onde Deus não poderia entrar”* (LE-pII.3.2:1,4). Uma vez que o ego faz o mundo para se esconder, ele faz mais duas coisas para sua façanha máxima. Mantenham em mente que o propósito do ego é muito, muito simples – ele quer

tornar o Filho de Deus sem mente. O medo do ego, novamente, é que se o Filho um dia se lembrar de que tem uma mente e de que pode escolher, vá reconhecer que tem escolhido erradamente. Ele iria perceber que o ego é realmente quem está contando uma mentira, e o Espírito Santo está dizendo a verdade. E, então, o Filho certamente iria mudar sua mente.

Uma vez que o propósito do ego é nos tornar sem mente para que não possamos mudá-la, ele faz o mundo no qual nós nos escondemos. E, então, como acabei de dizer, ele faz mais duas coisas para assegurar que o Filho de Deus vai continuar para sempre – pelo menos dentro do sistema do ego – sem sua mente. Primeiro, uma vez que o ego se projetou da mente – o que é, uma vez que o pensamento da separação foi colocado para fora da mente, resultando em um mundo de separação – o ego fez com que um véu caísse sobre a mente do Filho para que ele se esquecesse de onde o mundo veio. Nós podemos chamar isso de véu do esquecimento, que basicamente é a dinâmica da negação ou repressão. O Filho de Deus nega o que aconteceu – ele se esquece. Ele se esquece de que tudo isso começou em sua mente, onde ele tinha duas escolhas – ouvir a voz do ego ou a voz do Espírito Santo. Ele se esquece de que escolheu ouvir o ego, seguir tudo o que o ego disse, e que acabou no mundo por causa do terror. Ele estava com medo de que se permanecesse dentro da sua mente, Deus iria destruí-lo.

Então, o véu da negação fez com que o Filho de Deus se esquecesse. Então – e esse é o grande final do ego, a aquisição máxima – o ego fez o corpo. O ego disse ao Filho e Deus, “Seu lar não é sua mente. Seu lar é seu corpo”. E o ego fez o cérebro, que se tornou o computador do corpo. (Parece que o cérebro governa nosso funcionamento no mundo). O Filho de Deus encontra a si mesmo em um corpo, se esqueceu de onde veio, pensa que foi feito por outros corpos, pensa que veio a um mundo que estava aqui antes dele, e não tem memória alguma de nada de que estivemos falando. Ele não tem memória de forma alguma sobre essas duas alternativas em sua mente – o princípio da Expiação do Espírito Santo ou a história do ego de pecado, culpa e medo. Ele não tem idéia de uma escolha. Tudo o que ele sabe é que é um corpo. Ele não se lembra de que o corpo no qual ele está não é nada mais do que uma projeção. Esse é um corpo que acredita em pecado, culpa e medo – a experiência básica de todos no mundo. Nós acreditamos que somos separados e que somos terríveis pecadores. Nós não precisamos da Igreja Católica Romana, da igreja protestante, ou da fé judaica ou de qualquer outra coisa para nos dizer que somos pecadores, porque carregamos esse pensamento dentro de nós. Todos nós nos sentimos sobrecarregados pela culpa e auto-ódio, e temos medo de sermos punidos pelos nossos pecados.

Esses pensamentos e sentimentos não são um resultado do que pensamos acontecer em nossas vidas aqui. Ao invés disso, nós simplesmente transplantamos o que está na mente do ego para o mundo e para nossa experiência individual. É similar a estar sentado no cinema: tudo o que acontece na tela diante de nós e parece tão real, com o poder de nos provocar muitas reações, tanto positivas quanto negativas, não é nada mais do que a projeção do que está no filme passando através do projetor, na sala de projeção. É impossível que exista qualquer coisa no filme que não seja exibida na tela. E é impossível haver qualquer coisa na tela que não venha do filme.

Isso é exatamente igual ao que estamos descrevendo aqui. Como o Curso repetidamente nos diz, não existe nada fora de nós. É impossível que qualquer coisa que sintamos aqui não venha de nossas próprias mentes. O problema, entretanto, é que nós não sabemos sobre a mente, porque ela aparentemente foi

bloqueada para sempre de nós, pelo véu do esquecimento. Tudo o que nós sabemos é que nos sentimos muito mal aqui, em nossos corpos. Nós passamos anos em análise ou psicoterapia, com o terapeuta nos dizendo que somos os produtos de todas as coisas terríveis que aconteceram conosco quando éramos crianças. É claro que estamos transtornados! Vejam as coisas terríveis que estão acontecendo conosco como adultos. Todas as nossas explicações para nossa angústia são baseadas no pecado, culpa e medo que nós acreditamos que estão acontecendo dentro de nossos corpos ou cérebros. Quando os psicólogos falam sobre a mente, não estão falando sobre essa mente; estão falando sobre o cérebro.

. . . . . .

O Curso está nos dizendo que não estamos transtornados por causa do que está acontecendo com o corpo. Estamos transtornados porque escolhemos o ego ao invés do Espírito Santo. Nossa identificação com o corpo, então, é basicamente o fim da história e da conspiração do ego. O ego alcançou seu propósito por nos tornar sem mente, porque, de agora em diante, nós experienciamos todos os tipos de problemas, tanto no nível individual quanto coletivo, ou em um nível social. E todos os nossos problemas estão focalizados no corpo, de uma forma ou de outra, psicológica ou fisicamente. Quando nós falamos sobre o corpo, isso inclui nosso ser físico e também nossa personalidade, nosso ser psicológico. Ambos são o que o Curso chama de "o corpo". Uma vez que nós experienciamos todos os nossos problemas aqui, no mundo e no corpo, é aí que buscamos soluções ou respostas. Parece que não existe qualquer outro lugar para olhar. Nós não sabemos sobre a mente, por causa do véu do esquecimento (veja o gráfico). Helen acordou uma manhã e ouviu-se dizendo a si mesma quando estava se levantando, "Nunca subestime o poder da negação". Isso, depois, apareceu no Curso como, *"Não subestimes o poder da crença do ego nela* [culpa]*"* (T-5.VI.2:11). O véu do esquecimento é a mais poderosa e primitiva de todas as nossas defesas, e ela funciona perfeitamente. Se eu não estou consciente de que tenho uma mente, como poderia mudá-la? Esse é o propósito do mundo: nos distrair do local onde o problema realmente está. Outro termo que poderíamos usar para descrever o mundo é que ele é um truque de distração.

Brevemente agora – porque vamos voltar a isso depois -, o milagre, para completarmos toda essa imagem, simplesmente reverte o que o ego fez. É por isso que é extremamente importante não confundir o significado do Curso para milagre com nada externo. O milagre simplesmente pega nossa atenção, que vagou para fora das nossas mentes e se abrigou no corpo, e a traz de volta para o tomador de decisões. Então, o milagre simplesmente nos lembra de que realmente temos uma escolha. O milagre diz que o meu problema não está fora de mim, no corpo – ele não é o que o mundo está fazendo a mim, não é o que o corpo está fazendo a mim, não é o que minha família fez comigo. Meu problema é o que eu fiz comigo. O único erro que todos nós cometemos como um Filho, logo no início, é o mesmo erro que cometemos o tempo todo, de novo e de novo. Nós simplesmente fizemos a escolha errada. Nós soltamos a mão do Espírito Santo e seguramos a do ego. O milagre simplesmente nos traz de volta às nossas mentes, para que possamos fazer outra escolha.

Uma definição extremamente importante de milagre é que *"o milagre é o primeiro passo na devolução à Causa da função da causalidade"* (T-28.II.9:3-5). A causa está na mente, o mundo é o efeito. O ego nos diz que o mundo é a causa da nossa angústia. Na realidade, o mundo é simplesmente o efeito de uma decisão feita em nossas mentes, que é a causa. O milagre restaura à mente, restaura à causa, sua

função de ser o agente causador. Uma vez que eu sei que tenho uma escolha – o propósito básico e primário do Curso é nos ajudar a saber disso -, posso escolher entre o sistema de pensamento do ego, com sua avaliação sobre mim, e o sistema de pensamento do Espírito Santo, com Sua avaliação sobre mim. Essa é uma forma muito simples de entender sobre o que é o Curso – é simplesmente uma forma de nos lembrar de que nós realmente temos uma escolha.

Para antecipar algo que vamos discutir depois: o papel de Jesus ou do Espírito Santo é ser aquele lugar dentro de nossas mentes, aquele facho de luz, aquele farol que simplesmente brilha sua presença como um lembrete constante. Como um farol brilha sua presença para os botes que estão perdidos ou encalhados, Seu papel é nos lembrar de que nós realmente temos outra escolha. É por isso que, muitas e muitas vezes no Curso, Jesus diz, “Escolhe outra vez”.

Parte III

Quero voltar ao desenvolvimento do sistema do ego, mas agora especificamente em termos da noção de separação. Outro termo que podemos usar para separação é divisão. Basicamente, tudo de que eu falei pode ser resumido como uma seqüência de quatro divisões, ou quatro separações. Entender isso vai tornar muito mais fácil apreender por que o Curso fala sobre o perdão do jeito que fala, e por que Jesus fala tanto sobre união.

A primeira divisão, ou a primeira separação, acontece quando a diminuta e louca idéia parece acontecer – a Mente única agora parece coexistir com uma mente separada. Então, a primeira divisão, a primeira separação, é de mente com Mente. No Início – a letra “I” maiúscula nos ajuda a perceber que estamos falando sobre um estado eterno, sem tempo -, havia apenas a Mente de Deus totalmente unificada com a Mente de Cristo. Uma vez que o sonho pareceu acontecer, pareceu haver duas mentes, a Mente e a mente – a Mente de Cristo e a mente dividida.

A segunda divisão, ou a segunda separação, se segue, e a própria mente dividida se separa e divide. Agora existem duas partes na mente dividida – a parte onde o ego está e a parte onde o Espírito Santo está. Com a primeira divisão, a mente parece existir como separada e dividida da Mente, o que parece estabelecer a mente como estando por conta própria. Ela tem uma existência independente da Mente de Cristo, e, obviamente, independente de Deus. Aquela mente, então, se divide em duas – o que o Curso chama de mente errada e mente certa. A mente errada contém o pensamento do ego de separação, e a mente certa, o pensamento de Expiação do Espírito Santo – de que a separação nunca aconteceu.

Estou falando disso como se acontecesse em uma seqüência, assim como antes, quando descrevi o desenvolvimento do sistema do ego, pareceu sugerir uma seqüência. Na realidade, nada disso acontece em seqüência – não acontece através de um intervalo de tempo ou de espaço. O que estamos vendo aqui – e isso vai ficar ainda mais claro conforme continuarmos – é que o pensamento de separação do ego segue a mesma lei que o Pensamento de Deus. Os pensamentos são totalmente diferentes, mas o princípio é o mesmo. O Amor de Deus simplesmente Se estende. Uma vez que o Amor de Deus é perfeitamente unificado, completo e eterno, ele continua a Se estender e se torna a Si Mesmo. Isso não faz sentido para nós aqui, mas o princípio é que o amor simplesmente estende a si mesmo.

O pensamento do ego segue a mesma lei da mente – extensão (Deus, o Espírito Santo) ou projeção (ego). Uma vez que o pensamento do ego é separação, divisão e

fragmentação, é isso o que continua a se estender ou projetar. Tudo o que estou fazendo agora é descrever esse processo. Então, a primeira separação é a mente da Mente. A segunda separação acontece dentro da mente que agora parece ser duas. Como já vimos, o Filho de Deus, como o tomador de decisões então, se une ao ego, acreditando que se tornou aquele ser – pecador, culpado e merecendo ser punido. E isso justifica seu medo.

É aí que acontece a terceira divisão. Depois da mente ter se separado da Mente pela primeira vez, e então separar a si mesma entre mente certa e mente errada, a própria mente errada agora se divide. Essa é a terceira divisão, e é extremamente importante de ser compreendida. Nós temos esse ser pecador, separado, que agora vou representar por uma linha vertical (vejam o gráfico). Esse é o Filho de Deus que experiencia a si mesmo como o lar do pecado e da culpa, como uma criatura pecadora, culpada. O ego diz ao Filho que ele pode escapar do pecado e da culpa, dividindo-se em dois. Então, o ser se divide em dois: ele se divide para a ira de Deus. Esse é o nascimento do medo. O Filho começa como pecador e culpado, e então se divide, projetando a culpa, de forma que agora parece um ser separado. Onde antes havia apenas um ser na mente do ego – o ser pecador, culpado -, agora existem dois seres. Eles constituem o elenco de personagens no campo de batalha: o Filho pecador, culpado, que agora acredita que está em guerra com seu Pai insano, irado. Na realidade, é claro, não existe Pai insano, irado – a coisa toda foi inventada. É uma parte dividida da mente do Filho que parece estar fora dele.

Basicamente, isso é projeção. Nós simplesmente pegamos algo dentro de nós, o colocamos para fora, então, nos esquecemos do que fizemos. E o que parece estar fora de nós, na realidade, ainda é parte de nossas mentes. O efeito e a causa sempre permanecem unidos – idéias nunca deixam sua fonte. Nós pensamos que existe algo fora de nós, mas é simplesmente uma projeção do que está dentro de nós. Esse ser culpado, pecador, do Filho se dividiu em dois, e a parte do ser que ele odiava – o pecado e a culpa – agora parecem estar fora dele, colocada em um ser que subitamente veio a existir. A culpa não está mais dentro do Filho. Ela foi projetada no Pai. E, agora, esse Pai – esse Deus irado e vingativo – é o “vilão”. Ele é Aquele Que ataca, Aquele Que é cheio de vingança. Ele se tornou o vitimador.

Na realidade, o Filho acredita que ele é o vitimador, porque ele acredita que vitimou Deus – Deus é realmente a vítima. É por isso que o Filho é pecador e se sente culpado. Mas, uma vez que ele projeta o pecado e a culpa, Deus se torna o “vilão”. Deus se torna o vitimador e o Filho agora é a vítima inocente. É isso o que é encontrado no grande mito ocidental de Adão e Eva. No final dessa história bíblica, Deus é o vilão; é Ele Quem pune. E é uma punição dos diabos! Ele destrói Suas próprias Crianças. Ele diz a elas que vão morrer, e, então, as bane do Seu Reino. Obviamente, um Deus amoroso não age assim.

Essa história maravilhosa da Bíblia descreve em termos gráficos o sistema de pensamento do ego, e como ele surgiu. E Deus termina tendo todos os atributos do Filho pecador e culpado. É claro, Ele tem todos os atributos do Filho pecador e culpado, porque Ele é o Filho pecador e culpado. Ele é simplesmente uma parte dividida da mente do Filho – a terceira parte. Não existe campo de batalha na mente do Filho. A coisa toda foi inventada. E, em outro nível, não existe Filho pecador, culpado, para início de conversa. Isso também foi inventado.

O que começou como um ser único agora foi dividido em dois, assim como uma célula se divide através da mitose. O ego se dividiu, e o Filho se esquece de que ele se dividiu. Uma das características de todo esse processo de divisão é que, por

causa do véu da negação (vejam o gráfico), uma vez que se dividiu, ele se esquece de onde foi que se separou. Quando a mente vem à existência, ela se esquece de como são a Mente de Cristo e a Mente de Deus. Tudo o que ela sabe é que está por conta própria. Essa é a primeira divisão. Uma vez que a mente dividida se divide e o Filho escolhe o ego, Ele se esquece sobre o Espírito Santo. Ele se identifica com aquilo que se separou dele, e se esquece de onde ele se separou.

Com a terceira divisão, o Filho de Deus se esquece de que é pecador e culpado, porque o pecado e a culpa repousam no que está fora dele. O pecado e a culpa agora repousam no Pai, Que é visto como o vingador, o atacante, o vitimador. Aquilo que se separa dele é recordado, e aquilo de onde ele se separou é esquecido. É importante manter em mente que não existe ninguém fora do Filho. O Deus Que é visto como externo, Que tem o poder de ferir e vitimar, literalmente não existe. Ele é simplesmente uma parte dividida da mente do Filho. Da mesma forma, o ser pecador e culpado não existe – a coisa toda foi inventada. O ego apenas continua se dividindo. No que ele se separa é inventado; do que ele se separa, é inventado. Mas aquilo no que o Filho se divide torna-se muito mais amedrontador do que aquilo do que ele se separa – cada passo sucessivo traz com ele um novo medo que requer uma nova defesa, o que envolve outra divisão.

Isso nos leva à quarta e última divisão.

Uma vez que o ego se dividiu em dois, com a vítima inocente, o Filho, agora à mercê do Pai vitimador – esse Deus vitimador Que vai destruí-lo –, tudo o que o Filho pode fazer é correr para salvar sua vida. Então, agora, vem a quarta e última divisão, onde a mente se separa de si mesma, fazendo um corpo separado da mente. Nessa divisão, nós encontramos uma explosão incrível, o que é uma metáfora para a fragmentação do único Filho de Deus em bilhões, trilhões, zilhões de pedaços. Não existe um número grande o suficiente para descrever e incluir o que essa divisão provocou. Vamos ver uma parte do texto que fala disso, a seção chamada “A Realidade Substituta” (T-18.I.4:1-3). Essa seção é provavelmente a melhor consideração no Curso sobre a origem do mundo. A última seção nesse capítulo, “Os dois mundos” é provavelmente a melhor consideração sobre o propósito do mundo: ocultar nossa culpa.

(T-18.I.4:1-2) *Tu que acreditas que Deus é medo, fizeste apenas uma substituição.*

Quando acreditamos que Deus é medo, que é o que o ego vem nos dizendo, nós apenas fizemos uma substituição – existe apenas um erro. Nós substituímos o sistema de pensamento do Espírito Santo pelo do ego. Houve apenas um erro, uma substituição.

(T-18.I.4:2-6) *Ela tomou muitas formas, porque foi a substituição da verdade pela ilusão, da totalidade pela fragmentação. Ela* [essa substituição] *veio a ser tão partida, subdividida e de novo dividida, vezes e mais vezes, que agora é quase impossível perceber que alguma vez foi uma só e que ainda é o que era.*

Essa passagem muito importante está descrevendo a quarta e última divisão, quando a mente separou-se de si mesma e se tornou um corpo, fragmentando-se muitas e muitas vezes. Foi como se o inferno tivesse irrompido. Aquele único pensamento, aquele único Filho de Deus, se fragmentou em bilhões e bilhões de pedaços. O mundo resultante se tornou um esconderijo muito efetivo, um dispositivo de distração, e uma cortina de fumaça, porque nós terminamos com o que os hindus chamam de “mundo da multiplicidade”. Esse mundo se tornou tão

incrivelmente complicado, tão incrivelmente vasto, que é quase impossível conceber que o erro “alguma vez foi um só e que ainda é o que era” – nada jamais mudou. Havia apenas um único erro – o Filho de Deus se voltou para o ego ao invés do Espírito Santo. Esse erro foi carregado dentro de cada mente e corpo fragmentado – cada um de nós o carrega dentro de si.

Nós também carregamos dentro de nós a habilidade de fazer outra escolha. Basicamente, o Curso vê a mente dividida, especialmente conforme a experienciamos aqui, como holográfica, ainda que Jesus nunca use esse termo. E uma das principais características de um holograma é que o todo é encontrado em cada parte. Qualquer parte ou fragmento de uma imagem holográfica a contém por inteiro. Você pode reproduzir uma imagem inteira com apenas um fragmento. Dentro de cada minúsculo fragmento que cada um de nós representa está contido todo o sistema de pensamento do ego, o sistema de pensamento do Espírito Santo, e a habilidade do tomador de decisões de escolher um ou outro. Mas tudo isso veio desse processo de divisão, onde nós continuamente nos separamos uns dos outros.

Deixem-me falar um pouco mais sobre divisões. Primeiro, a mente se separa da Mente, e se esquece de onde ela veio. Então, a mente se divide em duas – o tomador de decisões escolhe o ego, ou a parte errada da mente, e se esquece do Espírito Santo, ou a parte certa da mente. A mente errada, que consiste de pecado e culpa, então, se divide em duas – um Filho pecador e culpado, e um Pai irado. Mas o Pai irado assumiu os atributos do Filho pecador e culpado para que o Filho se esqueça de que ele é realmente o culpado. O que era um agora parece ser dois, exceto que o que parece ser o outro ser, na verdade é simplesmente uma parte dividida do mesmo ser. Finalmente, esses dois seres separados e a aparente realidade separada do campo de batalha em nossas mentes agora assumem forma fora de nós. E o mundo todo aparece para ser um campo de batalha. Mas, se o campo de batalha na minha mente é um conflito entre dois seres que são totalmente um, aparentemente divididos em dois, isso significa que o campo de batalha que eu experiencio aqui no mundo, onde sou a vítima e você é o vitimador, simplesmente envolve partes separadas do meu ser único.

Quando Jesus, no Curso, diz que seu irmão é você mesmo, ele quer dizer isso literalmente. Existem muitas passagens no Curso que deveriam ser vistas metaforicamente, como quando Jesus diz que Deus está solitário sem Suas crianças (T-2.III.5:11), que Ele chora por elas (T-5.VII.4:5), e que Deus nos deu o Espírito Santo em resposta à separação (e.g., T-5.II.2:5). Essas são metáforas que não devem ser tomadas literalmente. Mas, quando Jesus diz que seu irmão é uma parte de você, quer dizer isso literalmente. E as divisões explicam porque isso é assim. O Deus irado, vingativo Que acreditamos ser o vitimador, nos transformando em Sua vítima, é realmente uma parte dividida de nós mesmos. Esse pensamento está enterrado na mente sob o véu da negação. Nós projetamos esse pensamento e fizemos um mundo. A divisão vítima-vitimador na mente – o campo de batalha – é visto fora da mente. Mas o princípio é exatamente o mesmo, porque nada mudou. Meu corpo vitimado, que está fora da minha mente, parece uma presa para o seu corpo vitimador, que também está fora da minha mente. Mas ambos são partes do meu ser único.

Então, basicamente, o perdão significa que eu realmente estou perdoando o que nunca aconteceu: nós nunca nos separamos. Quando o Curso fala sobre curar relacionamentos – transformar um relacionamento especial em um relacionamento santo com meu parceiro especial -, ele quer dizer que a pessoa especial na qual eu investi tanto ódio ou tanta necessidade é literalmente uma parte separada de mim

mesmo. Eu estou literalmente me unindo comigo mesmo – não o ser que tem um nome -, porque a pessoa que eu identifico como a vítima, e a pessoa que identifico como o vitimador são realmente partes divididas de um ser maior. Toda a mensagem e o plano do Curso – seja em que extensão pudermos falar sobre um plano, porque Jesus não tem um plano assim – é que reunamos gradualmente a todos de quem nos separamos. Esse é o círculo da Expiação. E é por isso que o Curso tem uma ênfase tão grande sobre unir as pessoas umas às outras. E essa união não é no nível físico – não é a união entre uma pessoa e outra. É nos lembrarmos de que somos realmente partes de um ser maior. Ao me reunir a você – o que significa que não o vejo mais como o vitimador -, preciso estar fazendo a mesma coisa com Deus, porque estou realmente fugindo do Deus dividido que eu fiz. Toda a dinâmica de projetar minha culpa em outro ser que eu literalmente fiz – que eu penso ser Deus – é reprimida, e então é vista do lado de fora.

Vamos voltar à uma passagem em "O sonhador do sonho", no Capítulo 27 do texto, que deixa isso completamente claro. No início do parágrafo quinze, Jesus diz, *"Sonha suavemente com o teu irmão sem pecado, que se une a ti em santa inocência".* Então, no final, ele diz, *"Ele* [seu irmão] *representa o seu Pai, Que tu vês como Aquele Que te oferece ambas, vida e morte"* (T-27.VII.15:1-2,9-11). Ele parece estar oferecendo tanto a vida quanto a morte a mim porque eu tenho uma mente dividida. Meu ego me diz que Deus está me oferecendo a morte; o Espírito Santo diz que Deus está me oferecendo a vida. Uma vez que essa é a divisão na minha mente que eu tornei real no mundo, então, qualquer um com o qual eu esteja me relacionando vai carregar as mesmas qualidades que eu projetei em Deus. Eu estou re-encenando a divisão que todos nós fizemos quando dividimos nosso ser pecaminoso, culpado, e o colocamos em Deus. Você então se torna a representação de Deus para mim. Uma vez que eu vejo Deus como representando a vida ou a morte, também é assim que vejo você. E, então, Jesus diz, *"Irmão, Ele dá só a vida"*. Deus só dá a vida – essa é só outra afirmação do princípio da Expiação. E ele continua, *"Entretanto, o que vês como as dádivas que o teu irmão te oferece representa as dádivas que sonhas que o teu Pai te dá"* (T-27.VII.16:1-3).

Com essa passagem, nós podemos começar a ver a conexão que eu mencionei logo no início, entre a metafísica do Curso e sua ênfase muito prática em como vivemos uns com os outros – é tudo a mesma coisa. Nós podemos começar a entender por que o perdão é tão central no Curso, e por que é tão importante que reconheçamos nosso ódio e todo o especialismo que sentimos uns pelos outros. Eles são um reflexo do ódio original que sentimos em relação a Deus. Eu não tenho que entrar em contato com o ódio original. Eu só tenho que reconhecer que, ao me sentir vitimado por você, estou reencenando a terceira divisão na qual senti que estava sendo vitimado por Deus. Se eu puder curar meu relacionamento com você, o que simplesmente significa mudar minha mente (vamos voltar a isso logo), então, estarei realmente curando meu relacionamento com Deus, porque é o mesmo problema.

Tudo é o mesmo problema. Não importa com que freqüência eu o divida e fragmente, a substituição permanece como sempre foi. A imensa significância da passagem de "A realidade substituta" é que ela mostra muito claramente que o problema sempre permanece o mesmo. Ele permanece um, apesar de sua aparente forma como bilhões e bilhões de relacionamentos, cada um com seus próprios problemas. Existe apenas um relacionamento. Ele começa comigo vendo a mim mesmo como culpado porque ouvi o ego ao invés do Espírito Santo. A culpa é tão terrível que eu a separo de mim para que eu possa vê-la do lado de fora. Mas isso, por seu lado, se torna horrível porque significa que eu serei morto por Deus. Então,

eu separo isso de mim e acredito que nunca aconteceu. Eu faço um mundo e pessoas nele com bilhões de corpos. E reenceno com cada fragmento o mesmo problema que tenho com Deus: eu vejo a mim mesmo como vítima inocente do que outra pessoa fez. A forma do relacionamento é ou ódio especial ou amor especial, mas sempre termina como a mesma.

Eu não tenho que voltar em minha mente ao meu relacionamento com Deus. Eu simplesmente tenho que ser capaz de escolher deixar Jesus me ajudar a olhar para a divisão. (Vamos discutir isso mais profundamente depois). Jesus me ajuda a entender que o problema não é você. O problema é que eu dividi algo em mim mesmo e não quero olhar para isso. Então, eu o vejo em você. Se eu puder dizer que seu pecado aparente não tem efeitos sobre mim, na verdade estarei dizendo que você não existe fora de mim. Então, estarei realmente me reunindo a mim mesmo.

Alguns dos antigos textos gnósticos mostram Jesus falando sobre como ele está "recuperando a si mesmo", ou "reunindo-se a si mesmo", como ele está "juntando todos os fragmentos e reunindo-os dentro de si mesmo". Essas são formas muito brilhantes de descrever esse processo através do qual todos nós vamos terminar como um único ser. O conceito do Curso sobre a Segunda Vinda é que todos os fragmentos aparentes da Filiação vão se reunir como um Filho.

O processo começa onde quer que eu esteja, sempre que eu sentir que existe alguém fora de mim que pode me ferir ou me salvar – não importa, é o mesmo erro. Eu quero aprender que o que quer que eu esteja vendo do lado de fora é uma parte dividida de mim mesmo. Perdoando você e me unindo a você, estou realmente me unindo a mim mesmo.

Parte IV

Pode ser útil contrastar o processo do Curso para curar nosso relacionamento com Deus, com um processo refletindo outros ensinamentos espirituais. Portanto, as pessoas freqüentemente dizem que experienciam um sentimento de estar muito mais próximas de Deus através da natureza – apenas por caminharem na floresta em um lindo dia, por exemplo.

O problema, típico e comum, é que é difícil fugir disso porque temos uma visão muito idealizada da natureza. Podemos entender que Deus não tem nada a ver com a cidade de Nova Iorque, ou com os metrôs, os táxis, a AIDS, as bombas, ou esse tipo de coisas. Mas as lindas florestas, uma linda árvore, um pôr do sol espetacular, esse lago fantástico – Ele obviamente tem que ter tido algo a ver com isso, nós pensamos.

No entanto, tudo isso é parte da cortina de fumaça do ego. Nós sabemos que algo é do ego pelo fato de estar fora de nós. Essa é uma forma útil de sempre dizer se é do ego. O que acontece se houver um incêndio na floresta e as lindas árvores se forem? E se eu quebrar minhas duas pernas e não puder caminhar na floresta? Ou se for um dia horrível, a temperatura estiver abaixo de zero, estiver nevando e chovendo granizo, e eu não puder ir? Isso significa que eu não posso ter a paz de Deus? Eu sei que é um relacionamento especial quando digo que minha paz interior, o fato de me sentir feliz, dependem de que algo fora de mim aconteça de determinada forma.

Isso não significa que as pessoas deveriam se sentir culpadas porque apreciam uma boa caminhada na floresta, mais do que nós aqui na Fundação deveríamos nos sentir culpados porque esse é um lugar tão lindo. Mas, quando o lugar lindo se torna um substituto para o Amor de Deus ou para o Amor do Espírito Santo em nossas mentes, então, sabemos que cometemos um erro. Se nós temos algo e ele é externo, vamos ficar com medo, em algum ponto, que isso seja tirado de nós. E, então, vamos sentir que Deus, ou esse mundo terrível, está nos privando disso. De forma similar, podemos pensar que a civilização está espoliando essa linda propriedade, e que nós somos vítimas dela – nós sempre acabamos como a vítima na dinâmica vítima-vitimador.

O valor real de caminhar em lindas florestas é que elas podem nos lembrar de que o Amor de Deus está dentro de nós. Então, uma linda cena da natureza seria um símbolo para nós do Amor de Deus, como obviamente é para muitas pessoas. Não há nada errado com isso, desde que não confundamos o símbolo com a realidade, pela razão que acabei de descrever. O que acontece se por alguma razão não pudermos ir até as lindas florestas? Isso significa que não vamos ter o Amor de Deus dentro de nós? Mas, uma vez que vivemos em um mundo de símbolos – de fato, nós mesmos somos um símbolo, um símbolo desse sistema de pensamento – precisamos de outros símbolos que representem outra escolha para nós. Um Curso em Milagres pode ser um símbolo desses – nós poderíamos substituir o passeio em uma linda floresta pelo Curso. Isso poderia assumir a forma de um pensamento como, “Eu me sinto muito mal e deprimido, mas se eu ler minha lição diária do livro de exercícios, vou me sentir muito bem”.

Agora, eu posso ficar preso em uma armadilha do especialismo com isso também, a menos que veja o livro de exercícios ou o Curso da mesma forma que vejo o passeio na floresta: simplesmente como um lembrete de que existe um lugar na minha mente onde posso escolher. A lição do livro de exercícios ou o passeio na floresta simplesmente se tornam uma forma de voltar para dentro de mim mesmo, para que eu possa sentir a paz de Deus, não importando onde eu esteja ou o que estiver fazendo.

Para o ego, o mundo é uma prisão na qual ficamos presos como uma forma de nos escondermos da ira de Deus. Mas, no final, Deus vai nos pegar de qualquer jeito, porque todos morrem. Não existe saída. E, antes de Deus me pegar, você vai me pegar, porque todos no mundo vão me roubar aquilo que eu acredito, inconscientemente, que roubei deles.
Para o Espírito Santo, o mundo é uma sala de aula. Os mesmos relacionamentos, os mesmos objetos de especialismo que meu ego usa para me convencer de que eu não tenho uma mente e que esse mundo é uma prisão e um campo de batalha, agora podem me ajudar a perceber que o mundo é realmente um espelho que reflete de volta para mim o conflito em minha mente que eu nem mesmo sabia que existia. Então, me sentir pacífico quando estou caminhando na floresta poderia ser um lembrete de que existe outro sistema de pensamento na minha mente – não apenas um sistema de pensamento de raiva, depressão, culpa, ansiedade ou conflito, mas um de amor e paz. O erro é quando eu associo o amor e a paz com a linda floresta. Simplesmente ver a linda floresta como um símbolo que me lembra do que está dentro de mim torna a floresta “santa”. E isso pode tornar Aushwitz santo também – a forma externa não importa. O que torna algo santo é que ele serve ao propósito de ser uma sala de aula que permite que o milagre me leve de volta para minha mente, onde eu agora posso fazer uma escolha diferente.

Quer eu decida dar um passeio na floresta ou ler uma lição do livro de exercícios, a escolha de me lembrar do Amor de Deus já foi feita. Então, eu dou meu passeio ou faço uma lição, e vejo o lembrete. Em outras palavras, eu não estaria aberto para me sentir tão feliz e pacífico caminhando na floresta ou lendo as lições do livro de exercícios se primeiro não tivesse tomado a decisão de me unir ao Espírito Santo ou a Jesus. O externo, então, se torna um símbolo ou um reflexo daquela decisão. Eles parecem acontecer em uma seqüência, mas, na realidade, não acontecem. Tudo acontece de uma vez só.

Eu comecei esse workshop dizendo que o que torna o Curso tão único como caminho espiritual – o que não é dizer que é o único ou o melhor, é apenas singular – é que ele integra essa visão ampla do relacionamento entre o ego e Deus, entre o mundo e Deus, com diretrizes muito práticas e específicas para se viver no mundo. E é disso que quero falar agora.

Realmente não importa como chegamos aqui. O que realmente importa é que todos nós experienciamos a nós mesmos como estando aqui. O valor de entender a metafísica é simplesmente que ela torna claro para nós porque continuamos fazendo as mesmas coisas tolas de novo e de novo. Ela torna claro por que temos tantos problemas em realmente conhecer Quem Deus é e em ter uma imagem de Deus que é clara e limpa de todas as projeções que o mundo – e nós – colocamos sobre Ele. Ela explica que o que acreditamos ter feito a Deus é o que acreditamos estar fazendo uns aos outros. Então, nós não temos que saber por que estamos aqui, ou como chegamos aqui. Tudo o que temos que saber é que estamos aqui, e que existem dois propósitos para o fato de estarmos aqui. Um é do ego, e o outro é do Espírito Santo.

O propósito do ego é estabelecer continuamente que a vitimação é real, o que é o princípio do mundo. É “um ou outro”, “matar ou morrer”, “eu ou você”. Esse mundo é um campo de batalha. E essa é uma guerra que eu sei que vou perder inevitavelmente, porque todos perdem – todos morrem. O ego interpreta a morte como a punição que Deus nos dá pelo que fizemos. Todos nós acreditamos, profundamente nos recessos de nossas mentes, que roubamos a vida de Deus, que pegamos essa vida e a escondemos em nossos corpos. O corpo é um microcosmo do mundo como um esconderijo. Portanto, quando Deus finalmente nos encontrar, como Ele vai inevitavelmente fazer, vai roubar de volta de nós o que roubamos Dele. Quando Deus pega essa vida de volta, ela vai embora de nós. E é isso o que chamamos de morte.

A interpretação do ego para a morte é exatamente o que é encontrado na história de Adão e Eva. E todo o conceito de um pós-vida existe para que não apenas Deus possa me punir aqui me matando, mas para que Ele possa me punir depois da morte, chutando-me para fora do Céu. O mito de Adão e Eva é notável como uma descrição do sistema de pensamento do ego: Deus não apenas me mata no corpo, mas então, Ele me persegue através do inferno. Ele me mantém fora do Seu Reino. O ego vê esse mundo como uma prisão da qual nunca vamos escapar. E, enquanto estivermos aqui, vamos desesperadamente tentar manter à distância o inevitável. É por isso que as pessoas em alguns círculos da nova-era gostam de pensar que seus corpos vão se tornar imortais. É sua forma de tentar protelar a ira de Deus. Não estou dizendo necessariamente que não é uma idéia útil, se é isso o que funciona para você – mas que não é o que o Curso ensina. O Curso iria perguntar por que qualquer pessoa iria querer continuar aqui.

O mundo, então, é uma prisão na qual tentamos conseguir quantas migalhas pudermos. E, quando conseguirmos essas migalhas, alguém tem que estar sem elas. É sempre uma cobra comendo a outra – ou um ou outro. É por isso que nossa culpa é tão forte. E o especialismo – o qual não examinamos com muita profundidade porque isso iria levar muito mais tempo – é o termo do Curso para a dinâmica do ego de tentar roubar de outra pessoa o que eu sinto que é por direito meu. Se for um roubo direto, isso é ódio especial – eu simplesmente o ataco e o mato. Eu faço o que tiver que fazer para conseguir o que eu quero. Se o roubo for sutil e manipulativo, então, é amor especial – eu pareço amar você, mas mesmo assim o roubo. Eu só pareço ser amoroso e gentil para que você não me ataque de volta. Você fazer comigo o que estou fazendo com você é a versão do ego para um casamento feito no céu. Nós dois estamos fazendo barganhas de amor especial. E o altar – o que é a metáfora do Curso para o lugar onde encenamos nossos relacionamentos em nossas mentes – está ensopado de sangue.

Não existe saída para a versão do ego sobre o mundo, porque não importando o quanto possamos ser bem sucedidos aqui, nossos egos nos dizem que nós roubamos o que temos, e que, no final, Deus vai pegar de volta. E, obviamente, uma vez que nós morremos, sabemos que o ego está certo. Então, não há esperança. É por isso que o Curso diz que o sistema de pensamento do ego é à prova de tudo (T-5.VI.10:6) – uma vez que alguém fica preso nele, não existe saída. Mas esse sistema de pensamento não é à prova de Deus, porque existe outra forma de olhar para ele. Aqui é onde estão os aspectos práticos do Curso. Como estudantes do Curso, somos solicitados a nos tornarmos cada vez mais conscientes do sistema de pensamento do nosso ego para que aprendamos a não ter medo dele. O problema, logo no início, quando o ego nos contou sua história sobre o quanto somos pecadores e direcionados pela culpa, é que foi isso o que ouvimos, “Isso é horrível. Você nunca mais pode olhar para isso”.

Em um trecho no Curso, Jesus fala sobre termos feito uma barganha com o ego, na qual juramos nunca olhar novamente (T-19.IV.D.3:3). Então, o ego pinta essa imagem terrível em nossas mentes – nós roubamos Deus, O matamos, e Ele vai nos matar de volta. E, então, o ego diz, “Isso é tão horrível. Nunca mais olhem para isso. Apenas encubram tudo em sua memória. Vamos projetá-lo no mundo para que vejamos o mesmo cenário, mas agora ele esteja fora de nós – não seremos nós!”.

Jesus nos diz que temos que estar conscientes de que foi isso o que fizemos. O problema não é apenas que escolhemos o ego, mas que juramos nunca mais olhar para ele. E, então, ele nos ajuda, através do Curso, a iniciarmos o processo de olhar. Eu quero olhar para o meu ego e para todos os meus pensamentos de especialismo – todas as formas em que quero canibalizá-lo em nome do amor, todas as formas com que quero matá-lo em nome da indignação justa, todas as formas com que quero me sentir como uma vítimas às custas de alguém. E, eu exulto com a idéia de outros serem vítimas para que eu possa culpar aquele que os fez sofrer – seja uma figura política, uma figura internacional, ou um membro da minha própria família. Quando eu posso olhar para tudo isso sem me sentir culpado, sem sentir medo, e sem julgar a mim mesmo por isso, então, inicio o processo de desfazer o ego.

Olhar para meu ego sem julgamento significa que não estou olhando com o meu ego, porque o ego não pode olhar sem julgamento. É isso o que o ego é – um pensamento julgador. Se eu puder olhar para o meu ego em ação, com toda sua feiúra e instinto assassino, e então perceber que não é isso o que eu sou, ainda que possa ser aquilo com o que estou escolhendo me identificar nesse momento, então,

preciso estar olhando com Jesus ao invés de com o meu ego. Meu ego nunca iria olhar sem julgamento, e, se eu puder olhar sem julgamento, não posso estar olhando com ele. Esse é o início do fim do sistema de pensamento do ego, porque estou seguindo a linha do milagre (vejam o gráfico). Estou voltando ao ponto de escolha na minha mente e fazendo outra escolha. Estou dizendo que não tenho mais que ter medo do sistema de pensamento do meu ego. O valor do Curso é nos lembrar dessa escolha. Jesus passa muito tempo descrevendo o sistema de pensamento do ego, não porque ele seja real, não porque seja verdadeiro, não porque tenha feito qualquer coisa, mas porque nós acreditamos que é real. Nós acreditamos que o ego alcançou o impossível. Portanto, temos que voltar e olhar para ele, e finalmente perceber que ele não é nada. Ele não é um leão rugindo – é um rato amedrontado (T-21.VII.3:11). É um pequeno nada, uma "diminuta e louca idéia".

Quando eu posso olhar para o meu ego com o amor de Jesus ao meu lado, estou iniciando o processo de mudar minha mente e voltar para o Espírito Santo. Isso é perdão. O valor do mundo como sala de aula é que ele me mostra o que eu nunca soube que existia na minha mente. Eu vejo todo o horror ao meu redor, e vejo como eu o torno real, ou por me identificar com ele, ou por rejeitá-lo. Eu vejo todo o horror em mim – todas as formas de especialismo que têm governado minha vida. E eu percebo, conforme o vejo fora de mim – seja no seu corpo ou no meu –, que ele é uma projeção do que está dentro de mim. Uma vez que eu sei o que está dentro de mim, posso olhar para isso com Jesus ao meu lado, e não tenho que julgá-lo. Eu não tenho que mudar meu ego. Eu não tenho que lutar contra ele. Eu não tenho que me sentir culpado em relação a ele. Eu simplesmente olho para ele sem julgamento.

Olhar para o ego por um instante sem julgamento é o que o Curso quer dizer com instante santo. No instante santo, estou me unindo ao Espírito Santo ou a Jesus. O erro de ver o papel de Jesus ou do Espírito Santo como o de alguém que resolve problemas no mundo é que isso os torna tão insanos quanto nós. Nós fizemos os problemas no mundo – quer estejamos falando sobre não ter uma vaga para estacionar meu carro ou ter AIDS, não importa – para nos distrair do problema que tivemos em nossas mentes quando fizemos a escolha errada. Ver Jesus fazendo coisas no mundo é puxá-lo de volta para a ilusão. E é isso o que o Curso quer dizer com "trazer a verdade à ilusão", ao invés de trazer a ilusão à verdade (e.g., T-17.I.5). Somos solicitados a ver que nosso investimento no problema no mundo é um deslocamento do nosso medo de olhar para o problema real dentro de nossas mentes.

O papel de Jesus é ser um lugar de amor e luz em nossas mentes – o que realmente é um lugar de perdão – ao qual vamos quando somos tentados a ver o problema ou a solução fora de nós. Pedir a ajuda de Jesus, nos termos do Curso, realmente significa olhar com ele para nosso especialismo, sem sentirmos medo dele e sem culpa. Ao fazer isso mais e mais, começamos a aprender que o ego não tem efeitos. Não importando o quanto pensemos que o ego seja terrível, ele não entrou entre nós e o Amor de Deus. *"Nenhuma nota na canção do Céu foi perdida"* (T-26.V.5:4). Essa linha violeta (vejam gráfico), que poderíamos pegar para representar a eternidade, não foi rompida de forma alguma. Então, o papel do Espírito Santo é nos ajudar a olhar para nossos egos sem julgamento, e isso é perdão.

Parte V – Trechos finais

Deixem-me terminar lendo uma passagem do livro de exercícios, “O que é o perdão?” (LE-pII.1.1,4-5). É um resumo de tudo sobre o que falamos. A idéia é que eu não tenho que fazer nada. Eu não tenho que mudar o que está acontecendo no mundo. Eu não tenho que mudar o que está acontecendo na minha mente. Eu só tenho que olhar sem julgamento, com Jesus ou o Espírito Santo ao meu lado, para o que acredito ter feito, percebendo o que isso está me custando. Aprendendo que eu não tenho que me sentir culpado por causa de todos os meus pensamentos julgadores, estarei realmente aprendendo que não tenho que me sentir culpado pelo que fiz a Deus.

Um ponto final antes de lermos isso – é realmente importante que eu não fique preso na tentativa do ego de me fazer conseguir meu bolo e comê-lo, no mau sentido. Pois eu posso ser tentado a dizer a mim mesmo, “Eu tenho todos esses pensamentos negativos, julgadores, de especialismo, e os estou observando enquanto bato na sua cabeça”. Mas não é isso o que o Curso quer dizer com “olhar”. Quando olho para o meu ego com Jesus, também percebo o custo – meu apego a esses julgamentos está literalmente me custando a paz de Deus. Eu posso estar perfeitamente desejando, nesse ponto, pagar o preço, mas pelo menos sei o que estou fazendo. Olhar não significa apenas que eu olho com Jesus enquanto mato a todos na minha mente – significa que também estou ciente do que matar a todos está me custando. E se eu realmente estiver consciente do que isso está me custando, paro de matar as pessoas na minha mente.

Vamos ler aqueles parágrafos agora.

O perdão reconhece que o que pensaste que teu irmão fez a ti não ocorreu. Ele não perdoa pecados tornando-os reais. Ele vê que não há pecado. E, nesse modo de ver, todos os teus pecados são perdoados. O que é o pecado, senão uma idéia falsa sobre o Filho de Deus? O perdão simplesmente vê a sua falsidade e, portanto, a abandona. A Vontade de Deus passa, então, a ser livre para ocupar agora o espaço que lhe é devido.

O perdão, por sua vez, é quieto e na quietude nada faz. Não ofende nenhum aspecto da realidade, nem busca distorcê-la para encaixá-la em aparências que lhe agradem. Apenas olha e espera e não julga. Aquele que não quer perdoar tem que julgar, pois tem que justificar o seu fracasso em perdoar. Mas aquele que quer perdoar a si mesmo tem que aprender a dar boas-vindas à verdade exatamente como ela é.

Assim sendo, não faças nada e deixa o perdão te mostrar o que fazer através Daquele Que é o teu Guia, teu Salvador e Protetor, forte em esperança e certo do teu êxito final. Ele já te perdoou, pois essa é a Sua função, dada por Deus. Agora é preciso que compartilhes a Sua função e perdoes aqueles que Ele salvou, cuja impecabilidade Ele vê e a quem honra como o Filho de Deus.

Perguntas e Discussões Retiradas do Workshop

P: Estou interessado em saber o que detona o ego. Mas isso não é o mesmo que perguntar como a diminuta e louca idéia pode ter acontecido?

Kenneth: Não exatamente, essa pergunta tem uma resposta. O tomador de decisões detona o ego. O ego em si mesmo não tem poder algum, embora pareça ser muito poderoso – e, certamente, todos nós experienciamos grande poder aqui em termos de nossos pensamentos e sentimentos. Mas o que dá ao sistema de

pensamento do ego esse poder não é o ego em si mesmo. É o poder de escolha da mente – essa é a fonte do poder.

P: Mas ainda existe uma parte de mim que não acredita que eu fiz tudo isso e o escolhi.

Kenneth: Certo. Acho que demonstramos a idéia de que, como já estudamos, começamos a ver que esse é um sistema de pensamento muito amedrontador. E as coisas amedrontadoras que acontecem nesse mundo no qual vivemos nos mostram a enormidade do ódio e insanidade dentro de nós. É muito difícil entender e aceitar que nós não apenas fizemos isso, mas que o escolhemos. E não apenas o escolhemos, mas continuamos a escolhê-lo. Não é que eu o escolhi no passado – eu o estou escolhendo nesse exato momento. Um dos valores reais do Curso (pode parecer um valor dúbio no início, mas no final é muito curativo) é que ele nos ajuda a descobrir a massa em ebulição do ódio – o auto-ódio dentro de nós que o mundo todo foi feito para mascarar. Nós lemos o tempo todo sobre a dor e o sofrimento no mundo – na África, por exemplo, ou na Rússia, ou no nosso próprio país, ou em qualquer outro lugar no mundo. E nossa tendência é dizer, “Sim, é terrível, mas está fora de mim. O que isso tem a ver comigo?”.

Bem, se eu estou transtornado com qualquer coisa no mundo – não se eu apenas a vejo objetivamente – então, tem que ser porque primeiro a estou vendo em mim mesmo. Mas eu não quero ver isso na minha mente, então, eu o projeto para vê-lo fora de mim. Essa dinâmica básica acontece o tempo todo conosco. Algo em nossas mentes é tão horrível – o terrível sentimento de culpa e auto-ódio, e o terror de ser aniquilado em resultado dele -, que nós escolhemos não olhar para ele. Nós o projetamos para fora de nós e então lidamos com ele como se estivesse do lado de fora, e não dentro de nós. Essa é a importância da dinâmica da divisão: eu não quero ver isso em mim mesmo, então, eu me divido em dois. E a parte que eu não quero ver em mim mesmo é agora vista fora de mim, então, não sou eu. Está fora de mim e eu lido com isso dessa forma. Eu nunca tenho que lidar com isso dentro de mim, porque eu nem mesmo sei mais que isso está em mim. O Curso nos ajuda, através do milagre, a começarmos a dissolver o véu (vejam gráfico). Mas o milagre não o dissolve todo de uma vez – ele o faz um pouco de cada vez. Esse processo é lento porque, conforme o véu é dissolvido, eu me torno consciente, através do milagre, de que o problema não está fora de mim – ele está dentro de mim. E então, como a maioria dos estudantes que trabalha com o Curso durante um período de tempo relata, as coisas parecem piorar. Eles parecem estar muito mais ansiosos, ou muito mais amedrontados, ou muito mais doentes, ou muito mais em conflito do que já estiveram antes em suas vidas. Mas não é que eles nunca estivessem tão ansiosos, amedrontados, etc. – eles só não estavam conscientes disso.

Em uma passagem perto do final do Capítulo 27, Jesus fala sobre como fomos capazes de nomear tantas coisas diferentes como causas da nossa dor, mas nunca, nem uma vez, pensamos que a causa era nossa culpa (T-27.V.7:4). Somos muito bons em investigar as causas de todos os nossos problemas – de um nível médico, a um nível político, econômico, social, etc. Mas nós nunca, nem uma vez, consideramos que a causa de todos os nossos problemas é nossa culpa.

Nós temos vivido nossas vidas negando toda essa dor, não querendo vê-la como nossa. Mesmo quando realmente começamos a sentir algo, nós atribuímos isso a algo fora de nós. Então, Jesus, no Curso, nos diz que a causa de todos os nossos problemas não está fora de nós. De fato, a causa de todos os problemas do mundo

está nesse ponto azul – o poder de nossas mentes de escolher o ego ao invés do Espírito Santo. Esse é o problema. Uma vez que aceitemos isso, nunca mais poderemos acreditar que estamos à mercê de forças além do nosso controle (T-19.IV.D.7:4). Mas nós todos acreditamos que estamos. Em uma passagem em "As leis do caos", depois de Jesus descrever com detalhes as horríveis cinco leis que são claramente insanas e assassinas – descrevendo não apenas o que acreditamos acontecer entre nós mesmos e Deus, mas o que nós também acreditamos acontecer entre nós mesmos e todos os outros -, ele diz, com efeito, que pareceria impossível sequer acreditarmos nessas leis, uma vez que elas são tão insanas. E, então, ele diz, *"Irmão, tu realmente acreditas nelas"* (T-23.II.18.16:3). A prova de que acreditamos nelas é que estamos aqui. Ninguém em sua mente certa jamais viria para cá!

Isso é muito importante de se lembrar. Ninguém em sua mente certa jamais viria a esse mundo, a menos que, é claro, o amor o guiasse a isso. Esse mundo não é onde estamos, não é nosso lugar, e certamente não é um lugar que possa nos fazer felizes. O Céu é onde estamos e onde é nosso lugar, totalmente em unidade com Deus. O fato de nos identificarmos como estando aqui não é um pecado, mas é certamente um grande erro. O fato de que nós nos identificamos com nossos seres físicos e psicológicos, e estamos preocupados com o que os seres físicos e psicológicos dos outros fazem conosco é uma prova de que realmente acreditamos nisso tudo. Lembrem-se, o que nos enraíza nesse mundo é nosso medo e a culpa em nossas mentes. Foi assim que a coisa toda começou. O ego nos diz que nossa realidade não é amor, mas pecado e culpa. E ele nos diz que a forma de escaparmos do pecado e da culpa é nos dividirmos e os projetarmos em Deus, para que Ele se torne Aquele Que vai nos punir. Essa é a terceira divisão.

O ego então diz, "Mas isso é muito terrível – não existe saída. Nós precisamos de outra divisão". Nossa atenção agora está enraizada em um mundo que nós literalmente acreditamos estar fora de nossas mentes. Nós acreditamos que nossa identidade é um corpo. Nós literalmente acreditamos que é isso o que somos! E nós nunca, então, de acordo com o ego, teremos que lidar com o campo de batalha em nossas mentes. Essa é a cola que nos prende continuamente ao mundo e a todo o nosso especialismo. É por isso que não queremos liberar nosso especialismo. É por isso que as pessoas podem ler esse Curso, uma vez após a outra, ano após anos, e literalmente não ver o que ele diz sobre o ego.

Muitos estudantes querem ver apenas as partes adoráveis e amorosas do Curso, que falam sobre felicidade, paz e alegria, e não prestam atenção a todas as partes sobre o especialismo, porque é muito doloroso encarar o que fizemos. Isso provoca uma lembrança do que está em nossas mentes, que é o que nós procuramos evitar. Esse é o propósito do mundo. Lembrem-se, o mundo é uma cortina de fumaça, um esconderijo, um truque de distração para que nunca tenhamos que entrar em contato com a culpa dentro de nós. Ao invés disso, nós a separamos de nós e a vemos em outra pessoa. Qualquer um com quem estivermos envolvidos, em que exista qualquer grau de emoção – negativa ou positiva –, precisa ser uma parte separada de nós mesmos. De outra forma, não iríamos sentir a emoção.

[Ken falou brevemente sobre o artigo de Freud, "Luto e Melancolia", no qual ele fala sobre o sentido de perda experienciado com a morte de um ser amado. Ken concluiu com a afirmação de que, quando nós sabemos que o Amor de Deus está dentro de nós, também sabemos que o ser amado é uma parte de nós, e que nada que aconteça em um plano físico pode jamais alterar isso, porque nós sabemos que nada está acontecendo, porque somos todos um. Então, Ken continuou:]

Quando essa se torna a única visão e a única compreensão que nós temos, teremos atingido o que o Curso chama de mundo real. O tomador de decisões escolhe o Espírito Santo de uma vez por todas e deixa de ser um tomador de decisões, porque o ego se dissolve e desaparece. Nesse ponto, eu sei que todos os fragmentos aparentes dos Filhos de Deus são um. Minha experiência, então, é que todos os fragmentos aparentes são partes do todo, e que eu sou uma parte desse todo. Não é que os outros sejam parte de mim, como minha identidade, mas que todos nós somos partes de um todo maior. E, então, não pode haver qualquer experiência de perda.
Isso basicamente foi o que Jesus ensinou da cruz: literalmente nada aconteceu. As pessoas que lamentaram sua morte foram aquelas que se identificaram com seu corpo – uma coisa óbvia a se fazer -, que sentiram que seu amor era o que iria salvá-las. Então, ele desapareceu, ele morreu, e elas pensaram que o amor morreu, que a salvação morreu com ele. No entanto, toda a mensagem que ele estava ensinando era que o amor que as pessoas sentiam nele era um reflexo do amor que estava nelas. Se elas pudessem entender isso verdadeiramente, teriam percebido que elas e Jesus eram um e o mesmo – eles compartilhavam o mesmo Ser amoroso, o que significa que não poderia haver experiência de perda.

É claro, Jesus realmente estava nos ensinando, dentro do simbolismo do nosso sonho, que foi exatamente isso que nós acreditávamos que aconteceu com Deus. Nós acreditávamos que tínhamos nos separado de Deus, que havia um senso de perda, e, então, nós fabricamos a história toda de que Deus estava zangado conosco e queria nos punir, etc. Mas, se nós pudermos saber que somos literalmente um com o Amor de Deus, então, não existe senso de perda. E nós então percebemos que o pensamento de separação do ego não tem poder – *“nenhuma nota na canção do Céu foi perdida”.*

[Outro participante estava pedindo orientação a Ken para aplicar os princípios de que ele esteve falando:]

Kenneth: Acho que sua pergunta basicamente é, como isso realmente acontece em uma base diária? O que eu faço? Logo que eu me torno consciente de um pensamento ou sentimento do ego – e, depois de algum tempo, não é difícil encontrá-los: eu fico transtornado com alguém, fico ansioso, eu me sinto doente fisicamente,eu faço julgamentos sobre outros -, quero perceber que *“Eu nunca estou transtornado pela razão que imagino”*, como diz uma das primeiras lições do livro de exercícios (LE-pI.5.título), e que o que estou vendo fora de mim é realmente uma parte dividida de mim mesmo. A razão pela qual estou ansioso, irritado, transtornado, amedrontado, doente, etc., não tem nada a ver com o que eu sinto ou acredito em relação à situação. A razão é que eu soltei a mão de Jesus e segurei a do ego novamente. Esse é o problema. E, então, eu me sinto terrivelmente culpado, porque mais uma vez empurrei Deus para longe – na pessoa de Jesus ou do Espírito Santo -, e eu me sinto culpado em relação a isso. E eu agora estou com medo e vou ser punido por isso. Então, eu escapo de toda a culpa e medo, envolvendo-me com qualquer coisa fora de mim que eu pense estar me deixando transtornado.

Conforme eu vou trabalhando tudo isso – seguindo a linha do milagre (vejam o gráfico) -, vou percebendo que não estou transtornado por causa de algo fora de mim. Estou transtornado por algo dentro de mim. Estou transtornado porque escolhi o ego ao invés de Jesus ou o Espírito Santo. Isso é tudo o que eu tenho que fazer, e estará terminado. É isso o que o Curso chama de *“pequena disponibilidade”*. Se eu fizer isso, e ainda assim não me sentir melhor, então, digo:

Não estou me sentindo melhor porque, ainda que compreenda o que está acontecendo – estou realmente empurrando o Amor de Deus para longe de mim -, eu obviamente ainda quero empurrar o Amor de Deus para longe. Eu acredito que o Amor de Deus vai me ferir. Eu acredito que se segurar a mão de Jesus e começar a caminhar de volta para casa, vou desaparecer. E toda a maravilhosa auto-importância que eu acredito que me torna quem eu sou também vai desaparecer. E isso me aterroriza. Então, estou desejando totalmente, nesse exato instante, pagar o custo de empurrar Jesus para longe para que eu possa manter minha própria identidade miserável – eu desejo fazer isso.

Agora, eu posso fazer isso. Em certo sentido, eu posso ter meu bolo e comê-lo. Eu ainda posso me agarrar a toda a minha raiva, ansiedade e vitimação justificada. Mas eu também sei porque estou fazendo isso, e do que estou desistindo. Estou ciente de que tenho mais medo do Amor de Deus do que dessa dor. E iria preferir me manter separado de você – que é o que a minha raiva faz – do que realmente saber que você e eu somos partes de um ser maior. Isso é tudo o que eu tenho que fazer – estar ciente de que é isso o que estou fazendo.

Pergunta: Ken, quem ou o que é Jesus?

Ken: Ele é ambas as coisas, “quem” e “o que”. Como “o que”, ele é um símbolo do Amor do Espírito Santo. Ele é a mesma presença abstrata de amor na mente que o Espírito Santo. No final de tudo, quando estivermos no mundo real, vamos saber disso. Até esse ponto, ele ainda é um “quem”, e é um “quem” extremamente importante. Enquanto eu acreditar que sou um “quem”, preciso de um “o que” que pareça com um “quem”. [risos]. Agora, por que isso me faz pensar sobre Abbott e Costello! Mas, enquanto eu acreditar que sou específico – e todos nós acreditamos que somos específicos, que somos um “quem” -, então, preciso de outro símbolo específico que represente para mim aquela Presença de Amor abstrata que o Espírito Santo é. E estarei cometendo um grande erro se pensar que não preciso de um “quem”.

Se Jesus for um símbolo difícil para você, escolha outro. Mas, para a maior parte das pessoas no mundo ocidental, ele é esse símbolo, porque quase todos temos questões não resolvidas com ele. No final, Jesus é abstrato porque, no final, nós somos abstratos. Mas, enquanto nos sentirmos como sendo específicos, distintos e individuais, precisamos de alguém que possa falar conosco nesse nível. E Jesus, como o maior símbolo do Amor de Deus para o mundo ocidental, também é o maior símbolo no mundo ocidental para o Amor de Deus como o ego o vê. É por isso que Jesus não tem sido um símbolo amoroso para os cristãos, sem falar nos judeus ou muçulmanos, ou qualquer um que tenha atacado os cristãos. Ele é sempre visto através dos olhos do ego. Ele é visto como um perseguidor, como alguém que exige sacrifício, e que acredita no pecado e na culpa. Ele precisa acreditar no sacrifício e na morte, porque foi isso o que o mundo fez dele: ele se tornou um símbolo do deus do ego.

Mas Jesus também é um símbolo do Deus real. Nossas reações a ele são um produto da mesma mente dividida que afeta a forma como vemos a todas as outras pessoas. No final, quando estivermos no mundo real, vamos perceber que não existimos como indivíduos separados, mais do que Jesus também não o faz. Mas, enquanto estivermos aqui no sonho – como todos nós estamos -, ele é extremamente importante como uma presença fora da nossa personalidade que

pode nos representar para nós mesmos, até que possamos nos lembrar da nossa Identidade.

Pergunta: Mas iria invalidar o Curso se eu escolhesse usar Buda, Krishna ou Maomé, ou qualquer outro como esse símbolo?

Kenneth: Não. Na verdade, nada pode invalidar esse livro – esse é o problema! Entretanto, se eu escolher Maomé, Krishna, Buda ou até Chaimyankel porque tenho medo de Jesus ou me sinto culpado sobre meu relacionamento com ele, esse é um problema que vou ter que enfrentar em algum ponto. É por isso que a presença de Jesus no Curso tem sido sempre tão evidente. O mesmo ensinamento poderia ter vindo sem falar de Jesus de forma alguma. Todo esse processo que descrevi poderia ser apresentado no Curso sem uma referência a Jesus. E não era necessário que ele falasse na primeira pessoa. O fato de ele ter feito isso, e de ele usar a terminologia cristã, e de falar sobre sua própria morte e reinterpretá-la para nós, é uma forma de dizer ao mundo, como ele diz no Capítulo 19, que ele precisa que nós o perdoemos (T-19.IV.B.6,8).

Agora, Jesus não precisa do nosso perdão para o seu próprio bem. Ele precisa que nós o perdoemos porque ele não pode nos ajudar se nós continuarmos empurrando-o para longe, então, antes de escolher outro símbolo além de Jesus, eu deveria primeiro olhar para o porquê de estar fazendo isso. Sempre existem exceções, e não existe forma certa ou errada de fazer o Curso. Mas, para quase todos os que cresceram no mundo ocidental – tenham sido criados como cristãos ou judeus – seria extremamente difícil evitar ter algumas questões não resolvidas com Jesus. Ele é o maior símbolo do Amor de Deus que conhecemos, o que significa que o ego o transformou em seu símbolo do Amor de Deus.

Pergunta: A crucificação de Jesus é um exemplo de “Deus como vítima”?

Kenneth: Sem dúvida. Sua morte é o maior exemplo disso. Todos os cristãos, então, estejam conscientes disso ou não, precisam acreditar que ele os está vitimando. Existe uma estátua de Jesus na cruz, um crucifixo, que vemos ao nos aproximarmos do portão principal de um famoso monastério. E, sob a cruz, está um sinal com as terríveis palavras, “Foi isso o que eu fiz por você. O que você fez por mim?”. Agora, como você poderia amar um cara desses? Qualquer um que tenha crescido no mundo ocidental precisa acreditar que Jesus é um vitimador.

Existe uma razão ainda mais profunda para essa percepção de Jesus, à qual não me referi nesse workshop, mas vou fazê-lo brevemente agora. O sistema de pensamento do ego está baseado na idéia, “matar ou ser morto” (MP-17.7:11), que é o mesmo que dizer é “um ou outro”. Todo o sistema de pensamento do ego repousa na crença de que nós somos diferentes – é assim que o sistema de pensamento do ego começa. Deus é diferente do Filho. Lembrem-se de onde começamos – Deus e Cristo são totalmente unificados. Não existe forma de Deus poder perceber a Si Mesmo em um relacionamento com Cristo, ou de Cristo perceber a Si Mesmo em um relacionamento com Deus. Não existe diferença. Dentro do sonho, quando nós falamos sobre o Céu, falamos de uma diferença – Deus é o Criador, Cristo é o criado. Mas, no Céu, não existe mente separada que veja dessa forma – Deus e Cristo não são diferentes.

O sistema de pensamento do ego começa com diferenças. Quando o sonho pareceu começar, e a diminuta e louca idéia pareceu surgir na mente do Filho, subitamente, Deus e o Filho eram diferentes. Então, o Filho disse, “Nós somos diferentes – Deus

tem algo que eu não tenho. Portanto, vou pegá-lo". O que Deus tinha, é claro, era o poder de criar o Filho – não era o contrário. Então, o Filho roubou o poder de criar de Deus, e ele agora o tinha. O Filho ainda é diferente de Deus, mas agora ele está no topo – como na brincadeira da gangorra. Com a terceira divisão, onde o ser pecador, culpado, se divide em dois (vejam o gráfico), existem novas diferenças. Eu não sou mais pecador – Deus é pecador, porque Ele vai me atacar.

O sistema de pensamento do ego está baseado na crença em diferenças. Em contraste, o sistema de pensamento do Espírito Santo, que é um reflexo do Céu, está baseado na crença de que somos todos o mesmo. Claro, somos diferentes no nível do corpo e da forma, mas aquelas diferenças não têm importância.

O sistema de pensamento do ego afirma – e o mundo reflete esse pensamento – que se Deus tem algo, eu não tenho. Mas, se eu o tenho, Ele não o tem. É um ou outro. Ou sou eu o miserável pecador ou é Deus. É claro, é muito mais fácil para mim, sair da linha de fogo projetando o pecado em Deus. E, uma vez que fizemos isso, o que é a terceira divisão, tudo então foi projetado no mundo – eu vejo todos os outros como tendo algo que eu não tenho. E, por que eles o têm e eu não? Porque eles tiraram de mim, e isso justifica que eu o roube de volta deles. Esse realmente é o cerne dos relacionamentos especiais.

Voltando a Jesus – se Jesus é o Amor de Deus encarnado, então, obviamente, eu não posso ser, porque é um ou outro. Não podemos ser o mesmo. Se formos o mesmo, então, o Espírito Santo está me dizendo a verdade. Mas se Jesus é diferente de mim, então, meu ego está vivo e bem. E, obviamente, Jesus é total inocência, amor e luz. Então, o que me resta? Uma vez que eu acredito que sou o lar do mal, da escuridão e do pecado, então, acredito que sou esse ser mau, pecador, e que Jesus é inocente, santo e amoroso. Ouvindo ao meu ego, eu pergunto, "De onde ele tirou tudo isso? Como ele pode ser tão amoroso, e como ele é o favorito de Deus e não eu?". Bem, a resposta é óbvia – ele roubou isso de mim. É como a história de Isaac e Jacó na Bíblia, onde Jacó engana seu pai e rouba o direito de nascença de Esaú.

Onde Jesus conseguiu seu amor e sua inocência? Ele os roubou de mim. Como eu sei que ele os roubou de mim? Porque eu secretamente acredito que os roubei dele. E por que eu acredito que os roubei dele? Porque é isso o que acredito ter feito a Deus. Isso sempre volta à essa idéia metafísica subjacente, que é como eu iniciei esse workshop. É por isso que nós sempre sentimos que estamos em guerra uns com os outros. Eu secretamente acredito que tudo o que eu tenho, eu roubei, porque essa é a premissa básica do sistema de pensamento do ego. O próprio fato de eu acreditar que existo como uma entidade separada – e que todos nós acreditamos que existimos como entidades separadas – é prova que eu roubei o poder, a vida dessa entidade separada, de Deus. E, se eu acreditar que a roubei, e me sentir culpado em relação a isso, o que eu faço? Eu separo o pecado e a culpa de mim – é isso o que o ego faz. Eu os separo e digo, "Eu não sou pecador e culpado. Você é". A razão real pela qual estou infeliz e miserável – e todos nós, profundamente dentro de nossos corações estamos infelizes e miseráveis – é que estou aqui. Esse não é um mundo feliz. O Céu é o mundo feliz. Em algum nível, eu sinto que existe algo faltando em mim – existe algo injusto e estou infeliz.

Por que eu estou infeliz? Ao invés de aceitar a responsabilidade pela forma com que me sinto, eu a separo de mim. Por que existe algo faltando em mim? Porque você o roubou de mim. E porque eu realmente sei que você o roubou de mim? Porque acredito que primeiro o roubei de você, mas, então, projetei o ataque em você,

exceto que me esqueci de que fiz isso. Conscientemente, tudo de que estou ciente é que você tem algo que eu não tenho, e eu o odeio por isso. É por isso que o mundo sempre odiou Jesus: ele tem sido sempre visto como diferente de nós, o que é exatamente o oposto do que ele ensinou. Ele nos ensinou que:

O Amor de Deus que você experiencia em mim é um reflexo do Amor de Deus em você. A única diferença entre nós é que eu sei disso, e você se esqueceu. Então, eu fico diante de você como um lembrete de que você pode fazer a mesma escolha de se lembrar que eu fiz.

Se o mundo aceitar isso, vai desaparecer, porque o mundo todo existe como uma forma de manter essa percepção longe de nós.

Lembrem-se – o medo original e último do ego é que o Filho de Deus vai voltar ao seu juízo perfeito, voltar à sua mente certa, e escolher o Espírito Santo, o que significa que o Filho de Deus vai se lembrar de que ele é o Amor de Deus. Portanto, o ego inventou uma história de pecado, culpa e medo, projetou o pecado em um Pai irado Que também foi inventado, e então, fez um mundo no qual o pecado, a culpa e o medo são encenados de novo e de novo. Jesus vem até nós e diz, “Toda essa coisa é tola. Foi tudo inventado. Você não tem que lutar contra o Amor de Deus – você é o Amor de Deus”. Se o mundo aceitasse seu amor e sua luz resplandecente como a sua própria, então, toda a necessidade de um mundo como uma defesa contra o amor e a luz iria desaparecer. Nós não precisamos de um esconderijo contra Deus se soubermos que somos o Amor e a luz de Deus.

Mas, ao invés de admitir isso – o que iria significar que o sistema de pensamento do ego está errado, e que tenho que admitir que não existo mais como um ser individual separado – é muito mais fácil matar Jesus, que é o que o mundo fez. Não apenas ele o matou fisicamente, mas pegou sua mensagem e a massacrou – virando-a de cabeça para baixo, então, ela significa literalmente o oposto do que ele ensinou. A propósito, vocês vão descobrir que as pessoas estão fazendo a mesma coisa com o Curso – virando sua mensagem de cabeça para baixo para que elas não tenham que olhar para o que o Curso – e Jesus – está realmente dizendo. Jesus está dizendo, “Olhem comigo para a enormidade do que vocês acreditam serem seus pecados e sua terrível culpa” – o que ele chama em algum ponto de *“seus pecados secretos e ódios ocultos”* (T-31.VIII.9:2) – “E, se você olhar comigo, vai perceber que não há nada lá. E, então, tudo o que vai restar é a luz do amor que você é. E, então, você vai perceber que não sou separado de você, e que você e eu somos parte de uma luz e um Amor maiores”.